

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 12

Qualquer que seja a missão de cada seculo, a série ou encadeamento dos successos humanos que o agitam, um cunho de individualidade caracterizará sempre a sua fisonomia.

Não iremos revolver as passadas gerações para vêr o que ellas fóram; esse trabalho pertence á historia.

Votamo-nos hoje a descrever os traços mais salientes deste seculo, que apesar dos seus veios de ouro contém em si grande abundancia de ouropel.

Não é necessario rasgar de todo o véo—engolfar-nos no sepulchro tenebroso das suas miserias para descobrir seu intimo arcano, o epicurismo dominante, que forma, por assim dizer, a fatal synthese d'esta época.

E este epicurismo practico,—esta sede devoradora pelos gozos. arrasta-nos ao esteril materialismo.

Todas as nações têm suas paginas de gloria, e seus periodos de decadencia, que o ciume nacional não pôde offuscar.

Não nos prenderemos na analyse de se a parte philosophica e politica desta época, se encadeia feliz, ou infelizmente, na do seculo anterior—n'esse seculo de decomposição, de continua agitação, onde as abstracções chimericas exaltam a razão humana, santificando até no seu delirio os seus extravios.

Admiramos o seculo actual com as suas descobertas, com os seus caminhos de ferro; as suas ricas e fraternaes exposições, e o poder das suas armas; os seus telegraphos e o seu dominio no mar e na terra.

Mas nascido do escarcéo das revoluções, dominado d'um espirito vertiginoso, que inquieta os povos e põe em tribulencia as cabeças humanas; este seculo não é mais que um seculo de transição—de lucta e extravio.

A ambição descomedida agita os espiritos, não os deixando fixar sobre um objecto. A aversão dos homens é geral contra as condições da sua propria condição. A sede de gozar precipita a muitos e semeia em todos o odio ao trabalho e o amor á ociosidade. As pro-

fissões estão confundidas, a virtude escarnecida, a religião posta em duvida, ou olhada como um problema politico, e a immoralidade e corrupção fazendo galla da sua propria hediondez.

E este estado de corrupção e immoralidade é, desgraçadamente, o caracter peculiar deste seculo.

E o cancer, que nos devora, que nos conduz ao materialismo, e ao sordido solipsismo.

Sevéros nas nossas apreciações, a verdade sabe da nossa penna com a mesma amargura com que está gravada no nosso coração. Não sabemos lisongear; vencedores ou vencidos, dominadores ou escravos, a todos a verdade.

Fóra do espiritualismo das ideias, da harmonia dos costumes, da abnegação dos sentimentos, o mundo é nada.—é pó—são ruinas.

A prosperidade dos estados, a liberdade, o progresso só podem crescer á sombra das ideias beneficas da moral evangelica. Todas as preconizadas riquezas não podem occultar as miserias desta época.

O ar mesmo, que respiramos, esvoaça as sentidas magoas do que somos, em paridade com o que fomos á sombra da regidez de antigos costumes e gloriosas instituições.

Roma guerreira achou em cada peito luso o typo dos seus «Manlios e Camillos.»

O luso Annibal, o «immortal Viriato» fez tremer os filhos do «Lacio», humilhando o seu poder.

Então o amor da patria fazia de cada luso um «Scipião», e a boa moral era tradicional.

Comparando pois estas épocas tam distantes e tão distinctas não podemos deixar de lamentar o estado em que nos achamos, inculcando a todos por «iris» de futura grandeza a pureza dos costumes.

A tarefa é de todas; pois dizia Platão, mais estados se perderam pela relaxação dos costumes, que pela perda das batalhas.

Sae o trovão dos gazes do espaço,
da cellula fabril sae a chrysalida,
o luar da saudosa lua, pallida,
a primicia d'amor d'um terno abraço.

Sae a luz ao ouvir de Deus um «Faço»,
do rouxinol o canto em noite cálida
e o nome d'Armida sae da válida
penna do jate-rei, do grande Tasso.

Só não sae d'um sepulchro um só gemido,
d'essa triste mansão que tudo cála,
que se cobre c'o manto do olvido:

nem um grito do peito que se rala,
nem um olor de vento desabrido,
nem dos labios d'Armia uma falla.

4 de Julho de 1873

W.

NOTICIARIO

Os factos—É positivamente verdadeiro—o sr. escrivão da administração do concelho pretender apresentar *pessoalmente* ao sr. dr. Barrozo um requerimento de *suspeição na policia correccional*, intentada pelo sr. dr. Vellozo, em que era R. o dito sr. escrivão.

O facto é tão verdadeiro, que ao primo do sr. Barrozo se pediu isto mesmo,—a apresentação do sr. escrivão—e o sr. Esteves, que se dá para testemunha do facto, está hoje convencido, e queixa-se do snr. escrivão o ter enganado com a affirmativa de que o sr. dr. Barrozo se lhe negava, para não lhe despachar um requerimento—o que tornamos a repetir—é falso, falsissimo.

Quem vêr pouco, deduz isto mesmo da local escripta pelo sr. escrivão, e inserta no n.º 14 da *Lei e Ordem*.

Ignoramos, que o sr. escrivão tenha prestado serviço algum á casa dos srs. Barrozos, mas o que podemos affiançar, é que o sr. José Barrozo lhe pedisse, em tempo algum, dos favores, o mais misero, porque conhecemos o homem.

Posta esta questão de parte, não ha nada mais ridiculo do que a ostentação da *importancia balofa* do sr. escrivão:—vamos adiante. O sr. dr. Barrozo era competetissimo para julgar a *policia correccional* do sr. escrivão, e tanto assim, que o sr. escrivão não esperou pelo dia do julgamento para ali uzar da forma legal, que era a apresentação d'artigos de *suspeição*; e tanto mais assim, que o requerimento não só, não é forma legal, mas ainda, não apresentava motivo algum, que desse margem ao sr. juiz substituto para dar-se de *suspeito*.

O que se pretendia, era rogar, pedir, chorar, commover (o que é usual no sr. es-

crivão) o sr. juiz substituto a elle dar-se de suspeito para ver se assim conseguia o adiamento indefenido da *policia correccional*, mas entendemos que se engana, e que o resultado lhe será um pouco peor: veremos—tempo ao tempo.

É de todos bem sabido, e não é necessario ser juriconsulto, que nas *policias correccionaes por injuria*, não ha defesa possivel, e parece-nos, que o sr. escrivão nos engana, asseverando-nos que precisava de tempo para organizar defesa, e tirar documentos, quando é certo, que o sr. escrivão já o sabia a muito tempo, (á mais d'um mez) da dita *policia correccional*; sendo certo tambem, que o meio curial a seguir, era requerer, embora com *motivos suppostos*, novo dia de julgamento, mas isto é que não convinha;—o que convinha, era a apresentação—e que, o juiz, na vespóra do julgamento, ouvisse o R. e lhe despachasse na mão o requerimento, recebendo talvez a formula, como o havia de fazer!—não é assim?—como não satisfez a vontade nesta parte, impertiga-se todo, e clama por vingança!—quem sabe se se trocarão os papeis!—quem anda por este mundo está sujeito a muita coisa!

O dylema de alcunhar o sr. Barrozo, quando julgador, ou de parcial ou de ingrato, é de um cerebro sem miolo, para não dizer de um *atrevido*.

Parece-nos, que o sr. Barrozo nunca procurou as relações do sr. escrivão para coisa alguma, e que a sua posição é bastante elevada para precisar d'outras explicações:—adiante.

É de todos sabido que a *injuria escripta* levada para os tribunaes corresponde-lhe a condemnação;—ora, tendo o sr. escrivão já sido

condemnado, como *calumniador* em tres diferentes processos, que absolvição espera?—a pena é a maxima, e não pode ser outro o resultado, a não ser dar a mais revoltante das injustiças.

Demais; tendo o sr. escrivão por escripto injuriado e caluniado toda a camara de que era presidente o seu chefe, obrigando o sr. dr. Barrozo por esse motivo a não voltar lá mais;—obrigando o sr. Simões a fazer um requerimento em sessão—ou a sua excusa de collega ou a exoheração do empregado—não são isto *provs* para mostrar as pessimas qualidades de um mau character?

Não ultrajasteis o sr. David de Barros, o sr. dr. Paes, o sr. dr. Vellozo, o sr. Antonio Bernardino com quem estaes ligado?—e com a *mais negra das ingratidões—com a maior alevozia e a mais revoltante das infâmias, um dos redactores do Barcelense?*

A maior parte dos factos estão escriptos—o sudario é longo, mas ouvi a respeito deste ultimo.

Entendiamos, que a seu respeito nada deviamos diser; porém, se o ente por *abjecto* está abaixo da discussão e não merece que se occupem delle—o publico precisa saber, quem é o empregado de confiança da administração do concelho.

Parece, que o Ozorio tem alguns titulos pelos quaes mereça algum respeito e consideração;—muitos se tem valido da inutilidade do seu prestimo, e o dito escrivão tem mais de uma prova desta asserção:—alguns factos:

Em tempo pediu Ozorio ao então empregado da camara algumas listas dos recenseados das freguezias para entregar ao sr. Fa-

ria Barboza, que, n'essa epocha, o sr. Agostinho fingia não conhecer.

Tirou-lhas generosamente, e eis os favores, que pouco mais adiante, que lhe deve.

Acontece ser presidente da camara o sr. Faria Barboza, e pretendeu o sr. Paes favores d'aquella natureza—favores não, porque o recenseamento é publico para todo e qualquer cidadão tirar d'elle o que lhe for mister—mas supponhamos que era favor, o deixar tirar qualquer lista dos recenseados das freguezias, o Ozorio tornou-lhe a pedir, e comprometteu-se o sr. Agostinho a tiralhas.

Foi constantemente illudido, até que se viu na necessidade de recorrer ao sr. Salazar presidente então da commissão do recenseamento, que ordenou, que este fosse posto á disposição do Ozorio.

Ainda assim, se continuou a illudir a ordem e foi preciso o sr. Salazar apresentar-se na repartição e ordenar terminantemente, que se cumprisse a sua ordem, e isto deu causa ao Ozorio dizer algumas *verdades amargas* a este respeito.

Sabedor o sr. Agostinho do que se tinha passado, entrou pela porta dentro do sr. José Luiz de Carvalho e ahi insultou o Ozorio com toda a casta de *improperios*, como bem sabe fazer e no que ninguem o excede.

Já se vê, o facto era bastante significativo para nunca mais o Ozorio querer saber do *animal*;—mas passão-se os tempos, e a pedido d'algumas pessoas e do proprio *aggressor* Agostinho, que instaram com o Ozorio para elle dirigir o Commercio na opposição ás medidas financeiras do sr. Fontes, que deu em resultado a mudança de governo,

POLHEBIM

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Concordo plenamente com as suas judicizas reflexões, feitas na penultima missiva, com que me obzequiou, relativamente aos desaguisados, que da parte de alguns exaltados, que se dizem liberaes, e eu chamarei intolerantes, se derão nessa Cidade no dia 22 do mez transacto, contra o Bispo dessa Dioceze, Clero e Fieis, que acabavão de sahir da festividade religiosa, celebrada no anniversario da exaltação de Pio 9.º ao solio pontificio.

Os que assim procederão com tão desenfreada intolerancia, com que direito stigmatizarão os *Torquemadas*, e ássectas do sanguinario tribunal da *Inquizição*, se elles se estão denunciando a si proprios, como os *Torquemadas* das ideas oppostas ao catholicismo, ou pelo menos d'aquelles, que as não professão iguaes ás delles?

Quem leu, Compadre, o artigo de fundo da *Revolução de Setembro*, orgão semi-official, artigo, com razão attribuido ao actual ministro do Reino, e em que devida e racionalmente são apreciados esses desaguisados, e verberados os seus auctores; e vir agora a portaria assignada pelo mesmo ministro, que escreveu o artigo da *Revolução de Setembro*, não deixará de dizer, *rompante de leão e parada de sendeiro*, e de convir, que o actual governo, como *Balthazar*, vê em todos os

acontecimentos, escriptas por mão misterioza, as palavras *Mané, Thecel, Pharés*, cuja decifração a propria consciencia lhe diz, ser o annuncio da sua punição e morte!

He incontestavel, Compadre, em vista do comunicado, que acerca desses acontecimentos o Secretario Geral do Governo Civil do Porto fez publicar nos jornaes, que a Policia e Municipaes, se houverão em conformidade com as instruções e ordens, que previamente tinhão sido dadas pelo mesmo Governo Civil, ao Commissario Geral: se houve abuzo, quem o praticou foi o Governo Civil.

Mandar agora, que um Administrador de Concelho, um dependente do Governo Civil proceda a syndicancia, não será o mesmo que arvorar o syndicado em syndicante? Já se viu maior contra-senso, maior absurdo, maior pouca vergonha? *Ubinam gentium sumus*, em que paiz vivemos?

O fim, Compadre, tanto dessa portaria, como da outra, que manda syndicar tambem da *Associação Catholica*, é ganhar tempo, e no entender do meu vizinho *Boticario*, que é mui versado nas propriedades, e virtudes dos simplices, uma serve de cataplasma emoliente, e a outra de agua sedativa. E prehencherão esse fim? O tempo o mostrará; duvido porém, por ser incompativel servir a *Deus* e ao *diabo* ao mesmo tempo.

Lá apparecem ainda para o Oeste, e sobre o horizonte dos *Açores* ao actual governo as mesmas palavras misteriozas, que *Balthazar* viu escriptas na parede *Mané, Thecel, Pharés*: com difficuldade, e muito custo, tanto as authoridades administrativas, como as pessoas, que alli gozão de prestigio, tem contido os povos daquelle archipelago, para que se não insurjão contra as medidas financeiras ulti-

mamente propostas pelo governo, e approvadas pela maioria subserviente, que elle tem no parlamento.

Collectar, como barbeiro, em 4\$000 rs. annuaes um pobre jornaleiro, que toda a semana trabalha com a enchada, só porque nos domingos faz barbas nas parochias ruraes, mediante um alqueire de milho, que annualmente lhe paga cada individuo, a quem barbêa, e classificar, como se fosse chefe de uma prospera e importante officina de calçado, um qualquer sapateiro *remendão*, que escacamente tira um mediócre jornal, não será um efficassissimo meio de levar ao desespero tal procedimento?

Coloriu-se, Compadre, com a necessidade urgente de extinguir o espantoso *deficit*, que annualmente apparecia no orçamento da despeza do Estado, e que nos ameaçava com a banca-rotta, essa miuda rede de tributos, com que o actual governo nos brindou; mas ao passo que se abrião tão abundantes, quanto vexatorias fontes de receita, forão tambem collocados logo *estancarios*, que as esgotão! Chegará por ventura todo o producto do real d'agua, para a manutenção e despeza da reserva, que, com tanto sacrificio da lavoura, e da industria, desnecessariamente foi chamada ao serviço activo? Duvido; e no entretanto, que os Povos são vexados e espoliados com tanta crueldade, como no tempo da sujeição a Castella, graças á paternidade deste governo regenerador, o *deficit* no fim do anno economico, se não for maior, será sempre o mesmo. Governo mais nefasto nunca Portugal teve! Quanto vive enganado o Soberano!

Espero, Compadre, que me releverá a divagação, que acabo de fazer acerca do que ocorre no nosso desgraçado paiz; como bom

o sr. Agostinho teve occasião de se metter ás graças.

Sobe o ministerio Avila, e depois o do Bispo de Vizeu, e principia a declinar a *importancia faz-tudo*;—é nomeado administrador do concelho o sr. dr. Vellozo, que vence a eleição de deputados com o sr. dr. Paes e em seguida é eleita a camara municipal, que não olha com bons olhos para o sr. Agostinho.

Principia a crise do sr. Agostinho; o sr. Fonseca pede a exoneração de secretario da camara, e antes de tomar posse a nova eleita obtém o sr. Agostinho ser nomeado para aquelle lugar pela antherior.

Estava o Ozorio em Amares, e o sr. Agostinho que o devia considerar, como *adversario*, já politicamente fallando, já pelas offensas recebidas, teve a coragem de escrever-lhe uma *carta-choradeira*, em que muito lhe pedia se interessasse pela sua nomeação, interessando tambem os snrs. drs. Teixeira e Sepulveda:—a *choradeira* obteve o resultado desejado, e no mesmo dia lhe mandou um proprio para arranjar outra nomeação da Camara, pois a que tinha de nada lhe servia, pela forma, que estava feita.

Conseguiu nova nomeação da camara que já o havia nomeado, mas a nova Camara não esteve pela nomeação e nomeou outro Secretario, que é o que está actualmente servindo.

Era preciso então, que o governador civil, n'essa epocha o sr. Barboza, conhecido pelo o da *Mocada*, que informasse as pretensões dos dous nomeados, sendo rasoavel, que a preferencia recabisse no primeiro nomeado.

O *adversario* do sr. Agostinho deu-lhe para este fim uma carta do sr. Sepulveda para se apresentar pessoalmente ao sr. governador

civil, e obteve, que antes de mandar a informação para o governo, o sr. Sepulveda fallasse com elle:—fez-lhe mais o *seu adversario*, porque lhe offereceu o seu prestimo em Lisboa, que não foi aceite por então não precizar.

Vieram os acontecimentos e o sr. dr. Vellozo tratava de o pronunciar por causa de um *exposto* de que tinha feito um *assento falso*. O facto era tão verdadeiro, que o sr. Agostinho se apresentou ao *seu adversario* banhado em lagrimas, pedindo-lhe por quantos Santos havia, que lhe valesse ou pelo menos que lhe obtivesse um passaporte para ir para o Brazil:—o sr. Francisco José Bento d'Oliveira sabe destes factos, e deve-lhe ser insuspeito.

A scena commovia, e o *adversario* aconselhou-o a desistir do proposito, e a esperar pelos acontecimentos.

O sr. Agostinho pode, «por artes magicas» livrar-se deste crime, de cuja natureza tem mais algumas desenas d'elles, mas não pode obstar a que fosse prejudicado na sua rasoavel pretensão.

O sr. Agostinho chegou a diser ao «*seu adversario*,» que já se envergonhava de pedir-lhe tantos favores, lamentando-se dos seus por o ter abandonado.

Em seguida, vieram outros acontecimentos e o sr. Agostinho pode-se encaixar na administração do concelho, tendo feito antes uma justificação da «sua illibada conducta»!

Deram-se então diferentes peripecias por occasião da nomeação dos procuradores á junta geral do Districto, que obrigaram o Ozorio a dar de mão ao ingrato;—mas não foi bastante, para que, elle, na occasião de um jantar, dado em Mariz, em casa do sr. padre Martins, não pedisse saudes para o «seu antigo amigo!»

Nas Necessidades, na occasião da romaria do anno passado, tratou de desculpar-se do que se tinha passado;—tornou a pedir-lhe a sua amizade;—poz-lhe ao facto de tudo, que tinha acontecido e disse-lhe quem era o seu «perseguidor!»—mundo, mundo!»

Já eram muitas; e Ozorio sem crer nas amabilidades do «recebchegado,» foi andando o seu caminho e fazendo cosimento.

Portuguez, que prezo ser, não posso ser indifferente ás desgraças, que nos aguardão, se Deus, em quem muito confio, se não amercear de nós. Passo pois á nossa perenne infina.

Compadre, se *Manel Zé Zina*, em lugar de ter seguido a carreira das letras, que pelos goitos sempre andarão divorciadas delle, ou elle dellas, attenta a grossura espantosa das que possui, tivesse seguido o officio de *trapeiro*, não haveria canto, nem monturo, que elle não vascolhasse, nem trapo por mais immundo, que elle não mettesse no sacco: veja a afoza sofreguidão, com que elle explora, e torna productivo o emmaranhado terreno da justiça.

No dia 5 do corrente lá foi elle em correição ao julgado de *Esposzende*, levando consigo o digno Delegado do Ministerio Publico, a quem intenta dar cóca, todos os Escrivães, e officiaes de diligencias: patacoada de lunatico. Se tambem leva consigo o destacamento militar, que aqui estaciona, era um simulacro da alçada, que veio de Lisboa para essa Cidade depois da revolução de Maio de 1828! Sempre farfante, e patarata: é um camaleão.

Como meu bom Compadre sabe, correição é a vizita, que o magistrado judicial deve fazer pela comarca de sua jurisdicção, para emendar os damnos, que deve corrigir; examinar autos, processos, e livros dos respectivos cartorios; e finalmente exercer outras funcções do seu cargo, e que a Lei lhe incumbem. Ora tendo-se *Zina* demorado apenas horas em *Esposzende*, como é crível, ainda que elle fosse um *Argus*, que em tão diminuto lapso de tempo exami-

nasse tudo, como devia, ou fizesse a correição, como a Lei lhe ordena? Não é possível; foi uma romaria, que fez a *Esposzende*. Se leva uma *ronda* de viola, rebecca, clarinete, e campainhas, e elle, segundo costuma, se poem a cantar a *chula* ou o *fado*, desbancava a *campella de Santa Eugenia*.

Teve dois fins a dita romaria a *Esposzende*; o 1.º foi querer assombrar, desluzir, e tornar boquiabertos os moradores dessa villa, onde anteriormente o havião tractado, como um aprendiz de barbeiro, que parece, logo que ouvissem ser tractado pelo numerozo sequito, que levou, com rodas de *excellencias*, e de *conselheiro ministro*, gulozina mais saborosa ao paladar da fôfa vaidade do babaque, do que uma pouca de fressura ao de um gato esfaimado, ou cascas de melancia ao de qualquer animal suino.

O 2.º intimar os parochos do julgado, assim como já havia intimado os deste Concelho, para que lhe participem com urgencia, quaes sejam as pessoas de suas respectivas freguezias, por cujo fallecimento ainda se não procedera ao competente inventario. Sempre *trapeiro* explorador de monturos para recolher no sacco os andrajos ainda os mais insignificantes e immundos. Que sordida avareza, que fome canina pede este alarve!

A algum, que lhe notou a sua incompetencia para fazer aos parochos semelhante intimação, respondeu: deixe fallar o *Barcellense*; sou competentissimo por uma razão de analogia mui obvia, e simples: se os negocios ecclesiasticos estão a cargo do Ministro das Justicas, pela mesma razão os ecclesiasticos da comarca devem estar na minha dependencia; porque sou nella o chefe da Justiça!!!

Appareceu o «*Barcellense*,»—achou-o bom, como o «seu amigo,» Antonio Bernardino, e entendeu, que alguns artigos contra o juiz podiam ser mais «*bati-dinhos*»!

Não se fez esperar; e em seguida andou a pelir de porta em porta assignaturas para o juiz, e disse depois, que fazia isto a pedido de certa pessoa, mas que não obrigava a ninguem, e se algum lhe perguntasse, porque não assignava, responderia, por entender, que o seu nome não devia figurar no meio «dos fidalgos»!

Tratou-se da «*Lei da Desordem*,» e appresentou-se o nosso heroe, como principal protognista do drama, sendo o Ozorio o alvo constante dos seus «*aleives e calumnias*!» &c. &c.

Sabem os leitores do facto verdadeiro, que se deu com a sur.ª Viuva Filippe, e em seguida a ameaça, que fez ao Ozorio, «de chicote e pontapé!»

Agora, digam-nos; não é «uma alma candida,» esta, a do sr. Agostinho?—e não lhe deve dar Deus paciencia e resignação para aturar o Ozorio?! quem tenta duvidal-o?—o sr. Agostinho não prejura; não é blasfemo, contra Deus!—no peito gira-lhe sangue agradecido, que não é herança de *coardes nem de ingratos*!

Pense agora um pouco o leitor;—se houvesse um homem, que na occasião mais critica da vida, se valesse do «seu adversario offendido, e se este esquecendo-se para lhe valer, e elle ao depois, se apresentasse, como o temos descripto, que lhe faria?—esperava pelo «chicote e pontapé?»

Acalentem «a vibora,» e deixem-na entregue aos seus instinctos! quem fez ao Ozorio o que elle fez, é capaz de o fazer ao pae e aos filhos e se for preciso crava-se-lhes e punhal e arranca-se-lhes as entranhas.

Tal é «o monstro, o ingrato,» que temos descripto, que sem a menor offensa «nem tirté nem garte»—ameaça com o «chicote e pontapé,» a quem o protegeu e lhe deu conselhos em horas bem amargoradas!!

Não temos auctoridades, se não, não se abuzaria tanto.

Venha o «chicote e pontapé,» que á muito se espera por elle, mas vejam antes, que lhe não dêem «algum flato,» e que seja necessario leva-los em braços para casa, como aconteceu, quando entrou aqui o povo na ultima vez!

Despachos—Foram despachados parochos, da freguezia de Fonte-boua, concelho d'Esposzende, o sr. Joaquim José de Figuei-

Saiba, Compadre, que re-surgiu a filha predilecta do *Zina*, a famigerada *Lei da Desordem*. Um furioso ataque de *catalepcia*, que deu na creança, fez com que a considerassem morta, e como tal a enterrassem; houve porém um empirico, que condoido da desoladora afflicção, em que se vião o pai, o padrinho, aio, e pedagogico se lembrou de applicar ao cadaver da creança, não um choque com a pilha de *Volta*, mas uma ajuda ou mezinha chamada—*Accordões municipaes*, e eis que desaparece o ataque cataleptico, e a creança re-surge! Ha quem diga, Compadre, que logo que se extinga a acção desse emplasto, que re-apparece novo ataque de *catalepcia*, e que a existencia da devassa menina é ephemera.

E que lhe parece, Compadre, da querella contra o *Baletta ex-Cavado* pela tentativa de furto? A correccional contra o *Barcellense* seguiu a vapor; esta querella, que é um crime publico, caminha n'uma zorra puxada por bois! Por aqui todos com razão interpretão esta lentidão escandalosa não só como desaforada parcialidade, como igualmente como um revoltoso favor e patronato. Dizem que tendo de haver no mez de Agosto audiencias geraes, só nas vespas é que *Zina* o pronunciará, para não estar *Baletta ex-Cavado* muito tempo no rol dos culpados.

Que recto, probo e imparcial magistrado não é o fona do *Zina*!!!

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA.

redo, e da freguezia de Ballazar, do concelho da Povoia de Varzim o sr. Antonio Martins de Faria. Damos os parabens a estes nossos patricios e amigos.

Audiencias geraes—Principiam segunda-feira as audiencias geraes, tendo o redactor desta folha de figurar em uma d'ellas no mez d'Agosto. Em tempo previniremos os nossos leitores para virem ver, como se forjou esta culpa nas *gavernas de Caco*:—terá que vêr.

Os tapetes—Não são ricos os da sociedade *Barcellense*, mas ainda assim entendeu esta que os podia *sujar* o sr. Agostinho José da Silva, e por isso na proposta para socio, causou tal *asco e indignação* este nome que o seu auctor teve a cautella de a retirar a tempo para a não *vêr in limine* regeitada!

Ora, isto é, que é popularidade! isto é, que é comportamento!!

Irrisão—A *correição* na comarca de Espozende foi feita n'um dia; e em poucas horas, porque mais do tempo foi gasto na *bandiga de comes e bebes*. Como querem conciliar o respeito com esta *irrisão*?—pois é crível, que em tão pouco tempo se examinem a legalidade de todos os processos de um julgado como o de Espozende?—e as notas?—os *escrivães* também as examiniariam?—se querem respeito, conservem mais dignidade!

Leite—Vende-se por ahi cheio d'agua e estragado. A camara, tendo um pessoal como tem, que entendemos até ser desnecessario tamanho, podia fazer alguma coisa a este respeito, mandando comprar instrumentos proprios, os quaes já tem outras camaras, para examinar estas contrafacções, que arruinam a saude e prejudicam o publico.

De nada servem accordãos e leis sem previa execução,—é mais proveitoso a sociedade legislar menos e executar melhor.

Os templos e tumulos na China—*Não ha cousa mais magestosa nem mais bella do que os templos chinezes.*

O templo do Sol é extremamente curioso. Circumda-o uma muralha, e no meio d'este vasto recinto vê-se uma magnifica sala redonda, em cujo tecto se levanta um magnifico zimbório. O templo é cercado de grandes e copadas arvores, que espalham em roda uma fresca e agradável sombra. O imperador vai todos os annos a este lugar offerecer sacrificios ao solstico do inverno. O adorno dos templos é extremamente surprehendente de riqueza.

Os chinezes contam 180 templos de idolos, celebres pelos seus pretendidos milagres. O tempo da Terra onde se faz a coroação do imperador merece especial menção.

Quando um imperador é coroado, toma um vestido de lavrador e um arado, e lavra um pedaço de campo, que está dentro d'este templo. Este costume foi instituido por que as suas rendas não lhes provêm senão dos suores do seu povo, e que por isso deviam tractar-o bem e com humanidade.

Os tumulos dos chinezes são ordinariamente postos sobre as montanhas distantes alguma cousa das cidades; são cercados de muros, e plantam-lhes em volta pinheiros e cyprestes, arvores para elles sagradas.

ANNUNCIOS

Maria Amalia Pinto de Souza, Adelaide Carlota de Souza e Laura Adelaide

da Silva, residentes na freguezia de Barcellinhos, agradecem a todos os ill.^{mos} snrs. que se dignaram comprimental-as, e assistir ao officio de sepultura, que teve logar na igreja da mesma freguezia, em a noite de 13 do preterito, por alma de sua finada filha, sobrinha e prima, Anna Albertina de Jezus Calheiros, e bem assim a todos os rev.^{mos} snrs. ecclesiasticos e mais pessoas, que por essa occasião lhes prestaram gratuitamente seus serviços, merecendo menção especial os snrs. João Emilio de Souza Caravana, padre João Fernandes e Domingos Figueiredo, protestando a todos seu reconhecimento e indelevel gratidão.

AVIZO AO PUBLICO

Custodio da Cunha Bandeira

Aviza aos seus amigos que se acha n'esta Villa, no largo das Fontainhas, com estabelecimento de carros para fretar, e quem com elle quizer tratar para qualquer parte que hajão estradas proprias, quer por frete, quer por passageiros, queira dirigir-se áquelle local.

ALUGA-SE

Um armazem com quintal e poço na rua Nova de S. José.

ALUGA-SE

Uma loja com porta-cocheira no largo da Cadeia, (não sendo para fazer lume).

ALUGA-SE

Do 1.º de Setembro em diante a caza da rua da Estrada, onde está o Collegio de S. José; tem muitos commodos e grande quintal.

S. BENTO DA BARRETA

Por motivos supervenientes deixarão, os devotos do Milagroso S. BENTO desta villa de fazer-lhe a sua festividade no dia 11, a qual ficou transferida para o dia 25 do corrente.

Haverá no dia 24, vespera da festividade, uma linda illuminação, e fogo do ar, tocando a muzica barcellense escolhidas peças do seu repertori.

COMPANHIA REAL INGLEZA

DE
PAQUETES A VAPOR

CARREIRA QUINZENAL

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres



PAQUETES	DATA DAS SAIDAS	PAQUETES	DATA DAS SAIDAS
DOURO	13 de janeiro	EBRO	30 de fever.º
LIFFEY	29 de »	BOYNE	13 de março
NEVA	13 de fever.º	TIBER	29 de dezbr.º

Os vapores EBRO, TIBER e LIFFEY não tocam em Pernambuco e Bahia.

Os passageiros de 3.ª classe tem **gratis** belliches com colção e roupa de cama, comida com abundancia, e vinho duas vezes por dia.

Para mais esclarecimentos em Barcellas ao Agente—Manoel Antonio Esteves.

Destino	1.ª Classe	2.ª Classe	3.ª Classe	Gratados
S. Vicente	13	10	10	39\$000
Pernambuco	22	15	15	66\$000
Bahia	24	15	15	72\$000
Rio de Janeiro	27	20	20	81\$000
Montevideu	32	20	20	96\$000
Buenos-Ayres	32	20	20	96\$000
	58\$500	45\$000	40\$000	
	99\$000	67\$500	40\$000	
	108\$000	67\$500	40\$000	
	121\$500	90\$000	45\$000	
	144\$000	90\$000	34\$000	
	144\$000	90\$000	34\$000	

Preços, incluindo a passagem no caminho de ferro do Porto a Lisboa:

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.